

O mistério da sucessão presidencial

Quem vai ser o próximo presidente da República? No último quadriênio foi fácil responder. Com a adoção do princípio da reelegibilidade, Fernando Henrique Cardoso tornou-se o candidato favorito e a expectativa de poder de mais de dois terços dos congressistas e da maioria dos governadores e líderes políticos estaduais e municipais. O candidato da esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, jamais chegou a representar uma ameaça ao favorito nesse cenário.

A certeza de que Fernando Henrique não disputará um terceiro mandato provocou os primeiros movimentos preparatórios da disputa. A menos de três anos do lançamento das candidaturas e do início da campanha sucessória (a eleição presidencial será em outubro de 2002, logo a definição dos competidores se dará a partir do final de 2001), o exame das opções disponíveis vai se tornando quase uma obsessão da mídia e dos estrategistas da política. Daí o barulho em torno de Mário Covas (PSDB) e de Antonio Carlos Magalhães (PFL).

Ambos se tornaram "nomes naturais" de seus partidos. Mas eles precisarão se manter nessas posições até a consagração no final de 2001. O senador Antonio Carlos é o político mais importante do Congresso e, rivaliza com Fernando Henrique e o próprio Covas pelo título de o mais importante do País. Por conseguinte, reúne os predicados para pleitear a candidatura liberal e trabalhar para conquistar a opinião pública e ampliar a sua capacidade de

competir com chance de vitória.

O governador de São Paulo ficou em quarto lugar no primeiro turno da eleição presidencial de 1989 e se elegeu duas vezes para dirigir o maior colégio eleitoral do Brasil. Mas a trajetória dos líderes políticos na democracia nem sempre é traçada por decisões racionais ou suas performances eleitorais anteriores. Covas se tornou uma unanimidade no PSDB, graças às suas virtudes, é verdade, mas sobretudo graças à solidariedade e a esperança de seus partidários de que vença a luta pessoal contra o câncer e os lidere na sucessão de Fernando Henrique.

Lula é outro nome visível no cenário atual. Ele e o PT têm um limite quantitativo difícil de superar no mercado de votos: 30% do eleitorado, oscilando um pouco para mais ou para menos, dependendo da conjuntura. A vitrine do modelo petista de administrar será o governo do gaúcho Olívio

Dutra, um ex-sindicalista e companheiro de Lula na fundação da legenda. Mas para que Lula possa almejar uma outra candidatura, em condições competitivas, uma de duas condições precisará se materializar: ou o fracasso completo da política econômica de Fernando Henrique ou o sucesso estrondoso do governo rio-grandense.

No momento, a expectativa realista indicada é de recuperação do programa de estabilidade monetária de Fernando Henrique, o que tende a beneficiar os candidatos dos partidos que o

apóiam. As dificuldades fiscais do governo de Olívio Dutra - que reputa antisocial programas de equilíbrio orçamentário - e erros como a rejeição à montadora da Ford sugerem que o petismo gaúcho será um mau exemplo para sustentar a próxima campanha nacional do partido.

Da perspectiva atual, se repetiria em 2002 também a candidatura Ciro Gomes, desde que o ex-governador do Ceará cumprisse um itinerário que o transformasse em esperança efetiva de desenvolvimento e prosperidade. No ano passado, Ciro se apresentou como o líder capaz de avançar para além da estabilidade monetária, mas não teve tempo de propaganda, nem base partidária suficiente, para demonstrar isso de maneira crível. Assim mesmo, ele seduziu 11% do eleitorado. Sua viabilidade dependerá de que consiga formular um programa compreensível no plano teórico e de uma agenda de propostas que faça dele referência nacional e contraponto à agenda que Fernando Henrique desenvolver.

Essas são opções visíveis no horizonte de hoje. O PMDB diz que terá candidato. Pode ser Itamar Franco, José Sarney ou outro, mas nenhum deles surge na conjuntura com a força dos nomes acima mencionados. Os governos estaduais podem ocultar talentos, da mesma forma que, repentinamente, num lance do destino, brilhe mais que as outras a estrela de um senador ou de um deputado. O certo é que, dadas as atuais circunstâncias, não haverá espaço em 2002 para um aventureiro, alguém que não venha ungido pelo sistema partidário-eleitoral vigente.

E-mail: ariosto@agestado.com.br

Ariosto Teixeira escreve de terça a domingo